



MOTTA, Mauricio Moraes. O Corpo como espaço topológico, ou o telefone sem fio. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
UFRN – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas;  
Mestrando – Linha de Pesquisa: Pedagogias da Cena: Corpo e Processos de Criação; Orientadora: Nara Salles.  
Bolsista CAPES – Demanda Social.  
Coreógrafo, ator/bailarino, Diretor Artístico do projeto [si-la-bAs] c. dança.

## RESUMO

Este artigo pretende comentar a questão do corpo como espaço topológico de convergência, conexidade e continuidade a partir do conceito de *kinesfera* estruturado por Rudolf von Laban, como exposto por Regina Miranda, em diálogo com o pensamento atomista do filósofo grego Epicuro e do conceito de *sombra branca* apresentado pelo filósofo português José Gil.

**Palavras-chave:** Kinesfera: corpo: espaço topológico: sombra branca.

## ABSTRACT

This article aims to review the question of the body as a topological space of convergence, connectedness and continuity from the concept of *kinesfera* structured by Rudolf von Laban, as stated by Regina Miranda, in dialogue with the atomistic thinking of the greek philosopher Epicurus and the concept of *shadow white* as developed by portuguese philosopher José Gil.

**Keywords:** Kinesfera: body: topological space: white shadow.

Produzir e construir uma análise crítica a respeito de uma manifestação expressiva em dança é envolver-se com processos artísticos e estéticos que não podem ser circunscritos a uma interpretação hermética. Por outro lado, se buscamos construir conexões e reflexões acerca destes processos, nos deparamos com a tarefa de escolher métodos que sejam capazes de propor reflexões sistemáticas sobre o conteúdo de nossa investigação.

Quando falamos a respeito deste corpo/espço (MIRANDA) e na observação desta relação que se constrói entre um corpo atuante e um corpo receptor – utilizando esta denominação indicativa, mas problematizando esta dicotomia – percebemos uma conexão de caráter sinestésico, empático que se estabelece em um espaço constituído entre, e também a partir, dos corpos envolvidos. Tentaremos aqui discorrer um pouco sobre este espaço em/entre corpos a partir dos conceitos apresentados por Rudolf von Laban, Epicuro e José Gil.

### **\_ o telefone sem fio**

Quem não conhece ou nunca brincou de *Telefone sem fio*? Forma-se uma fila e cochicha-se ao ouvido da primeira pessoa um *recado*, esta faz o mesmo com a segunda, a segunda com a terceira e assim sucessivamente até

chegarmos à última pessoa que recita em voz alta o recado que recebeu, ou o que entendeu dele. Ao longo da fila o recado original vai sendo modificado e transformado. O produto final, muitas vezes, em nada se assemelha ao recado original. Isso se deve, obviamente, ao fato de que o *cochichar ao ouvido* dificulta o entendimento total da frase originalmente dita. Apenas fragmentos, palavras soltas, pedaços maiores ou menores são apreendidos. Por entendermos que se trata de uma mensagem dotada de sentido tentamos construir um significado para aquilo que ouvimos, seja ele lógico ou não. Aí está a graça.

A construção deste *novo recado* se dá pela soma do que apreendemos com aquilo que reside em nós, em nossa memória. Estes fragmentos de informação, ou melhor, o espaço que se abre entre estes fragmentos é espaço de possibilidades. E é neste espaço podemos nos projetar na busca por conexões se darão a partir das escolhas que faremos e nas formas em que tentamos *enquadrar* este novo enunciado.

Essa organização compreende, inicialmente, formas de sucessão e, entre elas, as diversas disposições das séries enunciativas (...); os diversos tipos de correlação dos enunciados (...); os diversos esquemas retóricos segundo os quais se podem combinar grupos de enunciados. (FOUCALT, 2008 – p. 63)

As referências e os caminhos percorridos na construção de conexões entre estes pedaços de informações ocorrem a partir daquilo que relacionamos com cada um destes fragmentos.

Assim, quando aprendemos que determinado estímulo se refere a um determinado conceito, estamos na verdade fazendo associações com conceitos que já conhecemos (associando nós de uma rede com outros). Então, quando visualizamos a imagem de uma maçã caindo, integramos todas as informações disponíveis (cor, forma, contexto, movimento) com os circuitos já consolidados previamente e que em algum momento foram associados ao conceito “maçã”. (LIMA, 2008 – p.14)

Uma hipótese alternativa admite que a observação de uma ação estimulasse uma “representação motora interna” (LIMA, 2008 – p.19) que envolveria as mesmas estruturas neurais envolvidas na execução da ação observada; de acordo com esta concepção, embora nenhum movimento efetivo seja executado, a representação motora evocada pela observação permitiria o reconhecimento do significado do que é visto. Estudos demonstraram que ao observarmos uma ação que conhecemos ser executada por outro corpo ocorre uma ativação nas mesmas áreas do córtex cerebral que são ativados quando executamos esta mesma ação. São os chamados: *Neurônios espelho*, um grupo particular de neurônios cuja atividade aumenta durante a execução de uma ação motora particular ou da observação da mesma ação desempenhada por outro indivíduo.

Desta maneira, o sistema de neurônios espelho oferece um modelo de integração entre percepção e ação bastante interessante. Através do reconhecimento de ações e, não apenas pelo sistema sensorial,

mas também no próprio sistema motor do observador, ocorre uma integração *online* das informações recebidas do ambiente - a ação observada sendo executada por outra pessoa - e também entre informações presentes no sistema nervoso do observador - representação motora da ação observada. (LIMA, 2008 – p.20)

Na observação do corpo dançante, somos expostos a uma enorme quantidade de informações. Cada gesto, cada ação pode ser assimilada e/ou apreendida de diferentes maneiras e, como no Telefone sem fio, nos reconhecemos aqui e ali nos fragmentos, nos pedaços de informação. Cada um deles, uma "unidade que pertence a um corpo virtual, que se forma à medida que os movimentos se decompõem, corpo que prolonga na virtualidade o gesto cuja continuação já não se vê no corpo empírico". (GIL, 2002 – p.37). E entre estes fragmentos "vacúolos de tempo no interior do movimento" (GIL, 2002 – p.35) que *sugam* para si fragmentos do observador. Um espaço de possibilidades, aonde algo novo virá a ser constituído; topológico, elástico, que trata os objetos pelas relações que têm entre si e não pelas regras e conceitos que o precedem.

Em seus estudos do movimento, Rudolf Von Laban desenvolveu a ideia da kinesfera, ou cinesfera, enquanto espaço de atuação do corpo do bailarino no entorno do corpo do ser movente. Esta esfera cerca o corpo esteja ele em movimento ou em imobilidade, e se mantém constante em relação a ele. Lenira Rangel assim a define em seu *Dicionário Laban*:

Cinesfera é a esfera dentro da qual acontece o movimento (...) é a esfera de espaço em volta do corpo do agente na qual e com a qual se move (...) é o espaço pessoal do movimento. (RANGEL, p.37)

Esta ideia de kinesfera pode, a primeira vista, parecer limitada, presa dentro das características euclidianas de sua estrutura, mas ela vai muito além das medidas de um corpo, pois seu constante movimento, mesmo a níveis microscópicos, provoca mudanças e transformações neste espaço de possibilidades.

Sabe-se que o bailarino evolui num espaço próprio, diferente do espaço objetivo. Não se desloca *no* espaço, segrega, cria o espaço com seu movimento. (...) Em todos os casos surge um novo espaço: chamar-lhe-emos *espaço do corpo*.

Espaço paradoxal: diferente do espaço objetivo, não está separado dele. Pelo contrário, imbrica-se nele totalmente, a ponto de não ser mais possível distingui-lo deste espaço. (GIL, 2004 – p.47)

Segundo a visão euclidiana<sup>1</sup>, o espaço (bi ou tridimensional) é uma dimensão finita, regida por regras sólidas e relações entre ângulos e distâncias que, ainda hoje, influencia nossa visão do mundo. Apenas a partir do séc. XIX que esta leitura da realidade foi modificada com a descoberta e o desenvolvimento das chamadas geometrias *não euclidianas*. A topologia é uma delas e utiliza os mesmos objetos que a Geometria, com a seguinte diferença: não interessa a distância, os ângulos nem a configuração dos pontos. Na Topologia, objetos que possam transformar-se em outros, através de funções

contínuas reversíveis, são equivalentes e indistinguíveis. “Assim, para a topologia, um cubo é igual a uma esfera, mas ambos são diferentes de uma xícara<sup>2</sup>”.

Se na geometria euclidiana é possível deslocar figuras geométricas em qualquer direção, seria impossível alongá-las, dobrá-las, encolhê-las, ou submetê-las a processos de transformação permanente, como acontece na topologia, sem que elas não se tornassem imediatamente outras e, portanto, com diferentes definições. (MIRANDA 2008, p.55)

Este corpo/espaco topológico se estabelece dentro e fora do corpo dançante. “O corpo do bailarino desdobra-se no corpo-agente que dança e no corpo-espaco onde se dança, ou antes, que o movimento atravessa e ocupa” (GIL, 2004 – p.49). Neste desdobramento o corpo deixa *resíduos* de si que penetram o corpo do receptor convidando-o a penetrar este espaco e constituir, a partir de si, um novo corpo, agora compartilhado, coexistente.

Segundo o pensamento do filósofo grego Epicuro de Samos (341 a. C. - 270 a. C)<sup>3</sup>, tudo na natureza (*physis*) é composto de átomos e vazio. Átomos como elementos constituintes dos agregados corpóreos e o vazio enquanto espaco de possibilidade para o movimento destes átomos, condição primordial para a existência das coisas da natureza. Nossa percepção das coisas da *physis* é possível porque os corpos, em seu movimento, produzem o que o filósofo chamou de *eídotas* (simulacros ou imagens), emanações sutis de átomos que se desprendem dos corpos e se expandem em todas as direções através do vazio, em movimentos “tão velozes como o pensamento” (DL. X, 50-5). São essas emanações que imprimem na alma humana sensações que possibilitam o sentir e o pensar. Como tudo que existe na natureza, o pensamento é corpóreo, constituído da *sóma* (*agregado*) de átomos produzidos a partir de afecções atuais e passadas que constituem este corpo presente. Como dizemos popularmente: construímos as ideias.

O nascer de um pensamento, de uma ideia, é o nascer de um novo corpo, emanando também como imagem corpórea de si mesmo em constante processo de construção e desconstrução de corpos virtuais constituídos em e a partir de cada corpo. Cada um deles, pensamento em movimento, corpo/espaco em eterno devir; corpo paradoxal considerado já não como “fenômeno, um percebido concreto, visível, evoluindo no espaco cartesiano objetivo, mas como um corpo metafenômeno, visível e virtual ao mesmo tempo, feixe de forças e transformador de espaco e de tempo” (GIL, 2004 – p. 56).

O corpo, como espacialização do aqui/agora, ou seja, do presente, mantém uma relação intrínseca com o tempo passado e “esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular.” (DELEUZE, apud Zourabichvili, 2004 – p.6)

---

2 <> (08/07/2012)

3 Do grego Επίκουρος(-)

Em um movimento de expansão, retornando à metáfora do vácuo, o corpo presente, “é levado ao futuro imediato juntamente com todo o passado anterior” (FERRACINI). O movimento do corpo é a projeção de corpos virtuais – dentro da visão epicurista, de simulacros corpóreos. O corpo atuante como propositor oferecendo fragmentos de si e de um *vazio* a ser ocupado. O corpo receptor que passa a posição de realizador desta conexão empática projetando-se, ocupando estes lugares vazios, constituindo novos corpos virtuais. Aí o conceito de corpo atuante e de corpo receptor cai por terra e suas singularidades se manifestam veladas pela própria multiplicidade destes corpos.

Não há que escolher *entre* o que vemos e o que nos olha. Há apenas que se inquietar com o *entre*. Há apenas que tentar dialetizar, ou seja, tentar pensar a oscilação contraditória em seu movimento de diástole e de sístole a partir de seu ponto central, que é seu ponto de inquietude, de suspensão, de entremeio. (DIDI-HUBERMAN, 2010 – p.77)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio - O que é ser contemporâneo?  
Trad. Moisés Sbardelotto  
Jornal Clarín em 21-3-2009.

BARRETO, Ivana Buys Menna – Movimento Compartilhado – Shared Movement  
O percevejo – ONLINE - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas  
PPGAC/UNIRIO - Volume 02- Número 02 — julho-dezembro/2010  
<http://www.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/viewFile/1448/1283>

BRAGATO, Marcos - Espelhamento e Imagética Corporal: Uma alternativa à  
problemática da imitação pela perspectiva da neurociência cognitiva na compreensão  
da atividade motor em dança.  
<http://www.portalabrace.org/vicongresso/dancacorpo/MARCOS%20BRAGATO%20ESPELHAMENTO%20E%20IMAG%20C9TICA%20CORPORAL%20abrace.pdf>

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix – Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3  
Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira  
Editora 34, São Paulo – 1996

DIDI-HUBERMAN, Georges – O que vemos e o que nos olha.  
Trad. Paulo Neves  
Ed. 34, São Paulo – 2010

EPICURO - Antologia de textos  
Trad. e notas de Agostinho da Silva;  
São Paulo Ed. Abril Cultural – 1985 — Col. Os Pensadores

FERNANDES, Ciane – O corpo em movimento: o sistema Laban / Bartenieff na  
formação e pesquisa em artes cênicas  
Ed. Annablume, São Paulo – 2002

FERRACINI, Renato – Palestras: Memória, corpo e virtual  
<http://www.renatoferracini.com/home/cursos-e-palestras/palestras>

GIL, José – Movimento Total – O corpo e a dança –  
Ed. Iluminuras, São Paulo – 2004

LAERTIOS, Diógenes – Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres  
Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury.  
Ed. da UnB, 2ª Ed., Brasília – 2008

LIMA, Renata Pereira - Biologia da Cognição: Introdução  
Biologia da Cognição: Integração Neural  
1º Curso de Neurociências e Comportamento  
Universidade de São Paulo – Instituto de Biociências 2008  
[www.ib.usp.br/labnec](http://www.ib.usp.br/labnec)

MIRANDA, Regina – Corpo-Espaço – Aspectos de uma geofilosofia do corpo em  
movimento.  
7Letras, Rio de Janeiro – 2008

RENGEL, Lenira Peral – Dicionário Laban

Dissertação de mestrado

Campinas, São Paulo (s.n.) 2001

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000223233&fd=y>

ROBLE, Odilon José; SILVA, Jéssica Bonvino; LIMA, Karen Adrie de – Cinestesia e empatia como suportes metodológicos para a pesquisa em dança

Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA – Comitê Interfaces da Dança e Estados do Corpo– Julho/2012

[http://www.portalanda.org.br/anais\\_2012/4/COMUNICACOES-ORAIS/ODILON-ROBLE-JESSICA-BONVINO-E-SILVA-KAREN-LIMA.pdf](http://www.portalanda.org.br/anais_2012/4/COMUNICACOES-ORAIS/ODILON-ROBLE-JESSICA-BONVINO-E-SILVA-KAREN-LIMA.pdf)